

CONSIDERAÇÕES EM TÔRNO DA EDUCAÇÃO SEXUAL DAS CRIANÇAS

Lanoy Dorin

Professor de Psicologia da Faculdade
de Filosofia de Araçatuba

I - Considerações em tórno da educação sexual das crianças conduzem-nos inicialmente à análise de alguns aspectos da doutrina freudiana da personalidade e da conduta.

Sabemos que para os comportamentistas e reflexologistas a personalidade é um conjunto dinâmico de hábitos mentais, afetivos e motores. No desenvolvimento desses hábitos os fatores ambientais têm mais importância que os hereditários.

Freud considera importantes os fatores ambientais, mas faz dos impulsos sexuais o tópico central do seu sistema. Para o pai da Psicanálise, que expôs sua concepção sobre a personalidade na obra "O Ego e o Id" (1), esta é constituída por "três sistemas de motivação e ação, que se opõem habitualmente no conflito" (2).

O *id* ("das Es", termo utilizado anteriormente por *Nietzsche* para designar aquelas forças profundas, naturais, involuntárias, que governam a vida) é o conjunto de impulsos inatos (sexuais e agressivos) e de desejos recalcados. Esses impulsos e desejos recalcados estão submetidos tão-somente ao princípio do prazer e do desprazer. O *ego* ("das Ich") é uma estrutura cuja atividade é consciente (percepções e demais processos intelectuais), pré-consciente e inconsciente (mecanismos de defesa, de adaptação psicológica) (3). O *super-ego* ("das Ueberich") é

o *ego* modificado. É a introjeção das forças repressivas, das imposições ambientais, que ocorre durante o desenvolvimento individual. As exigências do *super-ego* é que moldam o *ego*, mas êste é o responsável pelos ajustamentos do indivíduo. As forças do *id* (instintos sexuais, libido) e as do *super-ego* (normas morais) pressionam as atividades do *ego*. Dos desajustes ocorridos entre êsses três sistemas decorrem as adaptações anormais da personalidade, as quais, entretanto, geralmente visam permitir a existência do organismo, como no caso das neuroses. O *id* é, então, uma parte do *ego* modificada pelo ambiente. O *ego* representa a razão, a reflexão, como diz *Freud*, e o *id* as paixões. O *super-ego* é a consciência moral que o indivíduo possui, produto das relações com os objetivos que o circundam e das influências sociais. Consequentemente, “a força do *ego*, como diz *Lagache* (4), corresponde ao seu grau de liberdade em relação às duas outras instâncias, o *id* e o *super-ego*”.

O desenvolvimento do indivíduo, para *Freud*, é marcado por fases, sendo o fator determinante dessas fases a libido (energia sexual), que em cada uma se concentra em determinado órgão, passando depois para um ser do mundo objetivo. Daí as fases narcisista, bucal, anal e genital, que seriam na criança uma recapitulação das fases pelas quais passou o ser animal que veio a se tornar humano.

II - Para tomarmos ciência da interpretação psicanalítica da personalidade, torna-se necessário também que tenhamos uma noção, pelo menos superficial, das modalidades de atividade do indivíduo.

Segundo *Freud*, os processos psíquicos são classificados em inconscientes, pré-conscientes e conscientes.

O *inconsciente* é o conjunto de funções mentais recalçadas, das idéias, desejos e sentimentos, e das funções naturais, os impulsos derivados da energia sexual. Para

Freud, não existe uma oposição entre inconsciente e consciente, posto que fenômenos inconscientes podem tornar-se conscientes, e vice-versa.

O *consciente* é constituído por aquêles processos que permitem a tomada de consciência, por parte do indivíduo, dos estímulos internos e externos. O *ego* representa êsse sistema.

E o *pré-consciente* é constituído pelas fôrças das quais a pessoa não se dá conta, mas que têm funções definidas e são responsáveis por muitas formas de adaptação. Os processos: pré-conscientes (come idéias, lembranças, etc.) podem tornar-se conscientes e depois deixarem de sê-lo. Por serem capazes de se tornar conscientes certos processos psíquicos são denominados pré-conscientes. É o caso, por exemplo, dos sonhos, dos quais o indivíduo toma consciência, mas, frise-se, toma consciência das imagens, dos pensamentos oníricos. O psicanalista, posteriormente, interpretará tais sonhos segundo um critério que lhe permite entender o emaranhado de símbolos que surgiram no transcorrer do sonho. A interpretação dos sonhos permite ao psicanalista conhecer os processos psíquicos que movem a conduta da pessoa, principalmente os processos inconscientes e subconscientes.

III - *Freud* foi o primeiro psicólogo a chamar a atenção do mundo para o fato de a vida sexual ter início antes do amadurecimento das glândulas reprodutoras.

Podemos observar fâcilmente que crianças de um, dois e três anos vão gradativamente conhecendo seu corpo e encontram os órgãos genitais. Notamos também que um menino de três anos se interessa por questões relativas à existência dos órgãos genitais em pessoas e animais, e uma menina toma consciência do sexo justamente por não encontrar os órgãos que vê no menino.

Antes de *Freud* deu-se pouca atenção, ou nenhuma mesmo, a essas manifestações de interesse da criança.

Baseando-se em dados da Biologia e da Fisiologia, os psicólogos sempre reconheceram a inexistência de vida sexual em menores de sete anos, afirmando que por volta dos doze anos as glândulas reprodutoras atingiram o seu amadurecimento, enquanto o desenvolvimento sexual se completaria até os dezoito anos.

Por volta de 1900, *Freud* lançou as bases da Psicanálise e desfechou violento ataque aos preconceitos de então sobre sexo e moralidade. O que se fez depois de *Freud*, dentro da Psicanálise, pouco alterou os postulados do seu criador.

Mas, que disse *Freud*? Quais as bases da sua teoria? Que importância tem o sexo para êle?

Tomemos um dos seus mais significativos ensaios, “Uma Teoria Sexual” (5) e veremos, no tópico 2 (“A Sexualidade infantil”), estas palavras: “Parece certo que o recém-nascido traz consigo impulsos sexuais em germe, que depois de um período de desenvolvimento vai sucumbindo a uma repressão progressiva”... Sobre as leis e períodos dêsse processo evolutivo, caracterizado por oscilações, não se conhece nada com segurança. Parece, todavia, que a vida sexual das crianças se manifesta já numa forma observável pelos terceiro e quarto anos”.

Dessa incômoda posição de dúvida, *Freud*, pouco a pouco, foi certificando-se de que a vida sexual infantil existia até antes do terceiro ano. Concluiu, então, que “o ato da sucção é determinado na infância pela busca de um prazer já experimentado e recordado”; e que “com a sucção rítmica de uma parte da sua pele ou das mucosas, encontra a criança, pelo meio mais sensível, a satisfação almejada” (6).

Entre 1916 e 18, em sua “Introdução à Psicanálise” (7), dirá *Freud*: “Pretender que as crianças não tenham vida sexual, excitações sexuais, necessidades sexuais e uma espécie de satisfação – e que esta vida, desperta nas

mesmas bruscamente na idade de 12 a 14 anos, é, ademais, algo tão inverossímil e até disparatado, do ponto-de-vista biológico, como o seria afirmar que nascemos sem órgãos genitais e dêles carecemos até a puberdade”.

Conclui depois o sábio vienense que há no homem uma fôrça, um desejo, uma energia sexual motriz, denominada *libido*, a qual se concentra em diferentes partes do corpo da criança. Inicialmente na zona *buco-labial*. É e a primeira zona erógena. *Freud* afirma mesmo que o prazer procurado pelo ato de sugar o seio materno é um prazer sexual (8). O mesmo prazer da absorção dos alimentos será sentido nos atos de eliminação dos resíduos metabólicos do organismo. Haverá a concentração da *libido* na zona *anal* e depois na *genital*. A *libido* se concentrará nos órgãos genitais tanto do menino como da menina, na qual se estabelecerá, por inveja, um “complexo de castração”, pois não tem ela os mesmos órgãos externos do menino. É isto “constitui o começo da ulterior vida sexual normal” (9).

Durante o desenvolvimento da sexualidade infantil, ainda segundo *Freud*, nota-se que os meninos sentem grande atração pela mãe e as meninas pelo pai. É o chamado “complexo de Édipo” (*). O objeto da *libido* deixa de ser o próprio corpo da criança e passa a ser um objeto exterior, sendo que por volta dos seis anos ela tomará uma posição sôbre o referido complexo. O *id*, como se conclui, busca a satisfação e a *libido* vai aos poucos sendo reprimida pelo meio social. O modo como essa fôrça instintiva é reprimida determina o desenvolvimento normal ou anormal do indivíduo.

Como assinala *Jean Lhermitte* (10), coube a *Adler* e a *Jung* a renovação da Psicanálise. *Adler* discordou de *Freud* quanto ao complexo de Édipo e ao de castração,

(*) Discípulos de *Freud* reservaram para o sexo masculino o termo “complexo de Édipo”, e para o feminino “complexo de Electra”.

que no seu dizer não passam de expressões verbais. As neuroses não são produto de transtornos na fixação do libido, mas sim de um profundo sentimento de inferioridade ou de insegurança. Já *Jung*, admitindo enormes diferenças entre uma e outra pessoa, no estudo dos neuróticos, não concordou com o rígido esquema freudiano.

Estudos e discussões sobre os postulados de *Freud* são freqüentemente publicados por ortodoxos e dissidentes, muito embora sejam ainda os princípios básicos do discutível mestre os mais vulgarizados em todo o mundo.

IV - *Freud* e a Psicanálise sofreram, por parte de certos psicólogos, apaixonantes críticas destrutivas, e por parte de outros desmedidos elogios. Transformou-se em matéria indispensável nos currículos de escolas superiores e os termos psicanalíticos adentraram à Psicologia, Sociologia, Literatura, etc., com impressionante rapidez. Mesmo nos Estados Unidos da América e na União Soviética, países do Behaviorismo e da Reflexologia, a Psicanálise foi discutida durante longo espaço de tempo. Na União Soviética foi em 1950 que se fizeram as críticas mais agressivas a *Freud*, com o intuito, como diz *J.B. Burza*, no prefácio de uma obra de *A. Faria*, (11) de pôr "um paradeiro definitivo a essas errôneas e mistificadoras posições". E nos Estados Unidos da América, a par das críticas do Behaviorismo, outras escolas psicológicas não levaram em conta a teoria freudiana. Por outro lado, a corrente espiritualista, onde se pontifica a figura de *Gemelli*, combateu tenazmente a Psicanálise, sendo que só nos últimos anos, foram abrandados os ataques a essa escola.

De modo geral, no Ocidente concedem-se alguns méritos a *Freud*, como o de ter revelado que a vida psíquica do adulto tem sua organização na primeira infância, o de ter mostrado que existe um conjunto de fatos que ocorrem sem que o indivíduo tome consciência dos mesmos e

que precisam ser analisados, e o de ter dado valor ao aspecto sexual no desenvolvimento da personalidade humana.

O que já não se aceita “é a doutrina freudiana da sexualidade infantil” e a sua “subdivisão esquemática das fases (oral, sádico-anal e édipica)” (12). Essa crítica de *Gemelli* é indiscutivelmente aceita, muito embora tenha êsse autor considerado doutrina materialista a Psicanálise, quando na verdade ela é apenas uma escola naturalista. *Freud*, como se sabe, enquadra-se entre os hormistas, assim como *McDougall*. Faz de uma fôrça natural o fator principal do desenvolvimento humano, enquanto os behavioristas (mecanicistas) e os reflexologistas (dialéticos) crêem ser o desenvolvimento do indivíduo e da espécie humana impulsionado pelo instinto de vida e pelas influências ambientais.

A. da Silva Mello (13) de nossa parte, apresenta uma das mais justas críticas à teoria freudiana. Para êle “quando *Freud* se serve da libido, procurando abrandar-lhe o caráter puramente sexual, certamente usa aí de frágil recurso de interpretação, à custa do qual procura, vencer incongruências da sua concepção”. Criticando o que seria a fixação da libido na zona buco-labial, diz *Silva Mello*, não sem razão: “Para que falar em volúpia e em libido do recém-nascido, quando êle agarra gulosamente o seio materno e o mantém até saciar a fome e cair em sono profundo? Não é mais natural apelar aí para o seu instinto de nutrição, à custa do qual mata a sua fome e garante a saúde e o desenvolvimento do seu corpo?” Nega também *Silva Mello* sejam os sentimentos afetuosos de uma criança idênticos aos sexuais. E, enfim, depois de resumir os postulados freudianos e negá-los, com elogiável clarividência, êsse médico brasileiro confessa: “Para aceitar a interpretação de *Freud* precisamos, a todo momento, violentar os fatos, que, muitas vêzes parecem suspensos no ar, fora da realidade”.

Creemos que o recém-nascido é impelido pelo instinto de conservação a se alimentar. O instinto de procriação decorre da organização e desenvolvimento do ser. *Primeiramente, não é para se reproduzir que o ser se desenvolve, mas se reproduz porque se desenvolve.* A primeira finalidade da vida é a conservação e não a busca do prazer.

A Psicanálise revelou, de modo espalhafatoso, os preconceitos e erros da sociedade em que nasceu, preconceitos e erros quanto à educação sexual. Soube mostrar que o instinto reprodutor é a única necessidade que não precisa ser satisfeita com urgência, o que acarreta problemas para o homem. A análise dessa necessidade viscerogênica e seus impulsos poucos poderão fazer como fez *Freud*.

A evolução da sociedade permitirá ao homem controlar em seu próprio benefício o instinto de reprodução. A informação e a educação sexual serão atos de rotina na educação das crianças. E se algum mérito de *Freud* existe neste particular, é o de ter mostrado que a sociedade individualista em que viveu não tinha consciência de quão necessárias são a informação e a educação sexual, e de como estava enganada em muitos dos seus preceitos morais.

V - À medida que a criança descobre seu corpo, observa melhor o que ocorre em torno de si, comunica-se com os adultos, trava conhecimento com pessoas que realizam atos semelhantes aos seus (micção e defecação) e que possuem órgãos genitais semelhantes aos seus. Isto desperta seu interesse e a leva a fazer perguntas ao que vê ou ouve, retém algumas "impressões". Esse é o princípio perceptível do desenvolvimento sexual do menor.

Resumindo dados de *Gesell* e colaboradores (14), temos:

- 1 - aos 18 meses, a criança já distingue adultos de *nenês*;
- 2 - aos 2 anos, designa os órgãos que servem para urinar;
- 3 - aos 2,5 toma consciência dos órgãos sexuais, quando nua;
- 4 - aos 3, faz indagações sobre o sexo e os órgãos genitais; meninos e meninas se julgam diferentes e não gostam de ser confundidos no relativo ao sexo;
- 5 - entre 3 e 4, leva a mão aos órgãos e os manipula;
- 6 - aos 5, já conhece as diferenças físicas do sexo; quer saber de onde vêm os bebês;
- 7 - aos 6 anos, o menino mostra os órgãos genitais, meninos e meninas desejam um bebê em casa; ambos diferenciam bem um homem de uma mulher;
- 8 - aos 7 anos, o interesse pelo sexo é menor; a criança quer saber qual o papel do pai na procriação e fica sabendo que pessoas idosas não podem ter filhos;
- 9 - aos 8 anos, interesse por fatos obscenos; a menina indaga sobre a menstruação; o menino julga a beleza da menina; nos jogos há acentuada, diferenciação entre os sexos ("meninos pra cá, meninas prá lá", ou vice-versa); ambos desejam saber onde fica na mãe o bebê antes de nascer e qual é o papel exato do pai na procriação;
- 10 - aos 9 anos, a criança não deseja ser vista pelo progenitor do sexo oposto; deseja conhecer melhor os órgãos genitais e procura ilustrações nos livros; algumas crianças crêem que os bebês nascam por uma espécie de operação cesariana; as

conversas sôbre o sexo são comuns, tanto nos grupos de meninos como nos de meninas;

- 11 - aos 10 anos, interêsses conscientes sôbre o sexo; dúvida sôbre as transformações que ocorrem no organismo; crescem os órgãos genitais do menino; aumento sensível no número de masturbações, como podemos observar pela estatística obtida no estudo de 500 pessoas feito por *Hirschfeld*, citado por *Garat* (15):

<i>idade</i>	% de masturbação	<i>idade</i>	% de masturbação
4 anos -----	0,25	13 -- -----	13,7
5-----	1,8	14 -- -----	15,5
6-----	1,8	15 -- -----	11,4
7-----	2,3	16 -- -----	9,8
8-----	2,8	17 -- -----	4,6
9-----	3,2	18 -- -----	2,5
10-----	5,3	19 -- -----	1,6
11-----	5,4	20 -- -----	1,5
12-----	15,0		

Na opinião de *Juliette Boutonier* (16) podemos distinguir dois períodos no desenvolvimento sexual: um de 2 a 6-7 anos (“tentativas de ver, ou de se exhibir diante dos pais, perguntas relativas à sexualidade”) e o outro de 6-7 a 10-12 (“brincadeiras sexuais em grupo ou pares, jogos em conjunto”...) Segundo essa psicóloga “a propensão para as brincadeiras sexuais tanto maior quanto menos satisfeitos foram os apetites do mesmo gênero no primeiro período”.

VI - Quanto à idade de maturação das glândulas reprodutoras, é variável, mais entre os meninos que entre

as meninas. Nestas a maturação é revelada pela primeira menstruação. Nos meninos, ela é assinalada por mudanças sexuais secundárias (come pêlos nas axilas, em torno dos órgãos sexuais, alteração da voz, acne, etc.). Na tabela abaixo exposta (adaptação de um gráfico pictórico de *Luella Cole*(17); encontram-se as idades de maturação de meninos e meninas norte-americanas. Êsses dados nos favorecem sobremaneira, pois torna-se mais fácil prevermos os interesses e a conduta dos adolescentes e pré-adolescentes.

<i>Idade de maturação de meninas</i>		<i>Idade de maturação de meninos</i>	
anos	%	anos	%
8	0	—	
9	2,5	—	
10	2,5	10	0
11	10	11	0,5
12	40	12	5
13	70	13	15
14	90	14	50
15	95	15	78
16	98	16	95
17	99	17	98
18	100	18	100

Evidentemente, conforme assinala a própria sra. *Cole*, a maturação é variável de povo para povo. É influenciada pelo clima, alimentação, educação e pelo tipo de vida da comunidade em que a criança se desenvolve. Parece, todavia que nos países tropicais a maturidade sexual precede em 1 ou 2 anos a idade fixada para os países de clima mais frio, como é o caso dos Estados Unidos da América.

VII - Como tão bem ponderou *Gemelli* (18), “a criança não é estimulada por interesse algum a procurar a razão da diferença dos dois sexos; se, ao invés, é levada a isso pelos fatos que vê, pelas palavras que ouve, pelos exemplos que tem sob os olhos, pode ser levada a procurar em si a satisfação sexual”. Na primeira infância, as perguntas que faz são produto das influências ambientais e de certas “impressões”, como diz *Gemelli*. Sem dúvida, devido ao lento desenvolvimento da memória, do pensamento e da linguagem, a criança de 3 anos, por exemplo, surpreende-nos em dadas situações com perguntas aparentemente sem propósito. Parece que suas indagações ficaram por longo tempo incubadas e de repente foram manifestadas sem qualquer estimulação externa.

O meio social em que a criança vive é que lhe cria problemas, geralmente. Quando pergunta, nem sempre tem a resposta capaz de satisfazer sua momentânea curiosidade. Outras indagações são rechaçadas com punições físicas e verbais, cuja razão ela não pode compreender. André Berge reproduz, em seu livro “A Educação Sexual da Criança” (19), uma pesquisa feita por *M. Exner* (“Problems and Principles of Sex Education”). Obteve êsse investigador respostas de 948 estudantes norte-americanos. Dêses, 91,5% “declararam ter recebido uma primeira impressão sexual de fonte imprópria; e à pergunta “Que efeito geralmente produziram em vós estas informações, quando vos referis a elas agora?” - 79% entre êles responderam que foi mau”.

Isto nos prova que as informações devem ser dadas à criança quando ela tem interesse por tais informações. Não se deve mentir, ludibriá-la e muito menos ensinar-lhe os “segredos” do sexo, quando ainda não manifesta curiosidade pelo assunto. A curiosidade deve despertar naturalmente. Não se deve provocá-la. Em suma, a educação sexual deve ter por princípio:

1 - Jamais punir a criança quando esta leva a mão aos órgãos genitais; não se deve mesmo dar muita atenção;

2 - as respostas às suas perguntas devem estar à altura do seu entendimento;

3 - as atitudes dos pais e mestres em relação às perguntas e ao sexo têm maior importância do que os preceitos, como diz *Maberly* (20).

4 - na escola, a educação sexual deve enquadrar-se de modo natural; em aulas de ciências, o professor nos 3.º e 4.º anos primários poderá expor como se processa a união de macho e fêmea no reino animal, como se desenvolve e nôvo ser, e dar, também, separadamente, para meninos e meninas, instruções de higiene sexual, o professor explicará que não devemos considerar imorais tôdas as coisas que se relacionam com o sexo;

5 - enfim, os objetivos são, conforme diz *Berge*: informação sexual (ministrar conhecimentos requeridos pela criança sôbre anatomia e fisiologia dos órgãos sexuais) e educação sexual, fazê-la compreender que o instinto animalesco tem uma finalidade importante e deve estar sujeito à vontade e à razão); e quanto à idade inicial para a informação e a educação não há um limite definido; a informação tem início quando a criança manifesta o desejo de saber que são os órgãos genitais.

Os erros na educação sexual prejudicam sensivelmente a criança e se tornam presentes nos desajustes emocionais da mesma. A insegurança, o sentimento de inferioridade e a ansiedade de uma criança desajustada podem ser explicados pela falta de compreensão dos pais em relação às questões de caráter sexual. Entre os erros cometidos com maior freqüência pelos pais, temos:

1- O de deixar, como diz *Bertrand Russel* (21), as crianças na primeira infância em mãos de pessoas ineducadas

das, que julgam obscenidade qualquer referência ao assunto.

2 - O de fazer ameaças ou punir fisicamente a criança quando apanhada em jogos de excitação ("pettings"). Segundo o relatório *Kinsey*, tais jogos são experimentados por meninos (100%) e por meninas (20%) geralmente entre 8 e 13 anos (22). O mesmo se pode dizer a respeito da masturbação, que não tem efeito maléfico tanto à saúde quanto ao caráter. A masturbação só gera problemas quando a criança é punida com certa frequência (23).

3 - O de chamar a criança a um canto "para contar-lhe uma coisa"...

4 - O de revestir de lirismo nebuloso, de metáforas floridas, no dizer de *J. H. Schultz* (24), as informações sexuais. Schultz acha, que "a atitude puritana e hipócrita dos pais é capaz de romper a confiança necessária ao repouso, à segurança interior da criança". O pensamento do adolescente é de que os pais o deixam "só e abandonado".

5 - O de mandar a criança de 11 ou 12 anos ao médico para que êle lhe explique tudo sôbre o sexo. Por que o médico, e não o pai ou a mãe, deve expor à criança dados sôbre um assunto tão importante?

6 - O de zombar da ignorância infantil acêrca de questões sexuais.

7 - O de mentir. Neste particular, diz muito bem *Ofélia Boisson Cardoso* (25): "A sinceridade para com a criança, o que se alia, à naturalidade, evita surjam curiosidades mórbidas, atitudes maliciosas, perversões sexuais".

VIII - De tudo que foi exposto, conclui-se que cumpre aos pais se educarem para poderem educar suficientemente seus filhos, no relativo ao sexo.

IX - *Referências bibliográficas:*

- 1 - *Freud, Sigmund*, "El Yo y el Ello", apartado XV, vol. I, "Obras Completas", Editorial Biblioteca Nueva, Madrid, 1948.
- 2 - *Lagache, Daniel*, "A Psicanálise" Col. Saber, Difusão Européia do Livro, São Paulo, 1961.
- 3 - *Ídem, ibdem.*
- 4 - *Ídem, ibdem.*
- 5 - *Freud, S.*, "Una Teoria Sexual", vol. I, "Obras Completas", Editorial Biblioteca Nueva, Madrid, 1948.
- 6 - *Ídem, ibdem.*
- 7 - *Ídem*, "Introducción al Psicoanálisis", vol. II, "Obras Completas", Editorial Biblioteca Nueva, Madrid, 1948.
- 8 - *Ídem, ibdem.*
- 9 - *Ídem, ibdem.*
- 10 - *Lhermitte, Jean*, "O que é a Psicanálise", em "Reflexões sobre a Psicanálise", Liv. Tavares Martins, Pôrto, 1951.
- 11 - *Faria, Álvaro*, "Conhecimento e Reflexões Condicionados", Editôra Fulgor, São Paulo, 1963.
- 12 - *Gemelli, Agostino*, "Psicologia da Idade Evolutiva", Livro Ibero-americano Ltda., Rio de Janeiro, 1963.
- 13 - *Silva Mello, A.*, "O homem, sua vida, sua educação, sua felicidade", vol I, Liv. José Olímpio Editôra, Rio de Janeiro, 1956.
- 14 - *Gesell, Arnold*, e colaboradores, "El Niño de 5 a 10 Años", Editorial Paidós, Buenos Aires, 1963.
- 15 - *Garat, L.*, "A Masturbação e suas Conseqüências", em "Sexo e Vida", de A. Willy e outros, IBRASA, São Paulo, 1964.

- 16 - *Boutonier, Juliette*, “O que se pode esperar da Psicanálise”, em “Reflexões sôbre a Psicanálise”, Tavares Martins, Pôrto, 1951.
- 17 - *Cole, Luella*, “Psychology of Adolescence”, Rinehart & Co., Inc., New York, 1947.
- 18 - *Gemelli, A.*, obra citada.
- 19 - *Berge, André* “A Educação Sexual da Criança”, Edit. Fundo de Cultura, Rio de Janeiro, 1961.
- 20 - *Ídem, ibidem.*
- 21 - *Russell, Bertrand*, “Educação e Vida Perfeita”, Cia. Editôra Nacional, São Paulo, 1956.
- 22 - *Thompson, E.*, “Da Sexualidade da Criança”, em “Sexo e Vida” de A. Willy e outros, IBRASA, São Paulo, 1964.
- 23 - *Russell, B.*, obra citada.
- 24 - *Schultz, J. H.*, “A Iniciação Sexual e seus Problemas”, em “Sexo e Vida”, de Willy e outros, IBRASA, São Paulo, 1964.
- 25 - *Boisson Cardoso, Ofélia*, “Problemas da Infância”, Edições Melhoramentos, São Paulo, 1964.